

DESAFIOS DA COLETA DE DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA NA TEMÁTICA DO USO DE DROGAS

Júlia Oliveira Silveira¹; Betânia Huppess²; Morgana Aline da Silva³; Naiana Oliveira dos Santos⁴; Mara Regina Caino Teixeira Marchiori⁵; Keity Laís Siepmann Soccol⁶

RESUMO

O objetivo do presente estudo é relatar a experiência de acadêmicas de enfermagem diante dos desafios em realizar coleta de dados em pesquisa qualitativa na temática do uso de drogas. Trata-se de um relato de experiência, vivenciado por estudantes de um curso de graduação em enfermagem de uma universidade privada, localizado no estado do Rio Grande do Sul. O relato discorre sobre desafios vivenciados pelas estudantes durante a coleta de dados de uma pesquisa qualitativa durante o período de agosto/setembro de 2021. Realizar pesquisas diretamente com usuários de drogas representa muitos desafios, pois são rotulados/referenciados a algo desagradável, fazendo com que o usuário reprima seus sentimentos e sua existência. Conclui-se que o estigma social associado aos usuários de drogas dificulta a aproximação das pesquisadoras com os mesmos, sendo um obstáculo para a coleta de dados em pesquisa qualitativa, no qual esse tipo de pesquisa depende de estabelecimento de vínculo.

Palavras-chave: Usuários de Drogas; Saúde Mental; Saúde Coletiva; Atenção Primária à Saúde; Relato de Experiência.

Eixo Temático: Atenção Integral e Promoção à Saúde (AIPS).

1. INTRODUÇÃO

O consumo de drogas, também conhecidas como substâncias psicoativas, é tão antigo quanto a história da humanidade. Diversos povos e culturas utilizavam as substâncias psicoativas tanto em rituais religiosos, quanto para fins terapêuticos de tratamento, prevenção e recreação (VARGAS; CAMPOS, 2019; BASTOS; ALBERTI, 2021). A partir do momento em que ocorreram mudanças na perspectiva em relação

¹ Acadêmica de Enfermagem Universidade Franciscana – UFN. julia.silveira@ufn.edu.br

² Acadêmica de Enfermagem Universidade Franciscana – UFN. betania.huppess@ufn.edu.br

³ Acadêmica de Enfermagem Universidade Franciscana – UFN. morgana.aline@ufn.edu.br

⁴ Docente do Curso de Enfermagem Universidade Franciscana – UFN. naiana.santos@prof.ufn.edu.br

⁵ Docente do Curso de Enfermagem Universidade Franciscana – UFN. maramarc@ufn.edu.br

⁶ Docente do Curso de Enfermagem Universidade Franciscana – UFN. keity.soccol@ufn.edu.br

ao consumo e na comercialização das substâncias ilícitas, o tema se tornou uma questão de saúde pública (LIRA et al., 2020).

Com base no relatório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime cerca de 0,6% da população mundial adulta apresentou transtornos relacionados ao uso de drogas (UNODC, 2017). O Brasil como signatário da Organização Mundial da Saúde (OMS) vinha trabalhando ao longo das últimas décadas a fim de controlar o comércio e o consumo, e reduzir os danos gerados em decorrência do uso de drogas. Mudanças importantes vêm sendo traçadas nas políticas de atenção à saúde de usuários de drogas no Brasil, com a retomada de condutas proibicionistas e que sustentam a abstinência como estratégia de recuperação (BASTOS; ALBERTI, 2021; WORLD DRUG REPORT 2017; VARGAS; CAMPOS, 2019).

O uso de substâncias psicoativas está relacionado diretamente a fatores individuais que remetem à dimensão da subjetividade, na qual cada indivíduo constrói modos particulares de viver, sentir e pensar. Além disso, interação constantemente com outras dimensões da vida humana (sociais, culturais, psicológicas), inviabilizando a eleição de uma determinada característica precedente ao uso, principalmente psicológica, pois os modos de vida de determinado sujeito ou grupo será o resultado da sinergia destes fatores (JIMENEZ; TUCCI, 2017).

Associações negativas e estigmatizantes sobre as pessoas que usam drogas culminam na marginalização dessas. Além disso, há um discurso violento que permeia o uso de drogas e o enclausuramento do usuário (OLIVEIRA et al., 2019). Todavia, estudos científicos podem amenizar as dificuldades deste cenário, pois são capazes de testemunhar, corroborar e confirmar os interesses e necessidades dos usuários e profissionais de saúde, levando em consideração a diversidade cultural e as particularidades desses. Consequentemente, através de evidências, pode-se desenvolver Políticas Públicas e contribuir para os sistemas de saúde, a fim de amenizar os problemas apontados (SANTOS et al., 2019).

Objetiva-se com o presente estudo, relatar a experiência de acadêmicas de enfermagem diante dos desafios em realizar a coleta de dados de uma pesquisa qualitativa na temática do uso de drogas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, vivenciado por estudantes de um curso de graduação em enfermagem de uma universidade privada, localizada no estado do Rio Grande do Sul. O período que compreendeu o desenvolvimento dessa experiência foi de agosto e setembro de 2021.

O relato discorre sobre os desafios vivenciados pelas estudantes durante a coleta de dados de uma pesquisa qualitativa, aprovada pelo Comitê de ética em pesquisa, sob parecer CAAE nº 40454820.0.0000.5306, e intitulada “Modelo de Cuidado à Saúde de Usuários de Drogas na Atenção Primária”. Essa pesquisa tem como objetivo identificar como os trabalhadores das equipes de Saúde da Família e usuários de substâncias percebem o cuidado à saúde dos usuários na Rede de Atenção à Saúde (RAS).

Faz-se importante lembrar que o relato de experiência possui uma responsabilidade de cunho social, pois apresenta sua experiência neste local em um determinado período. Também é possível através dele realizar reflexões e intervenções positivas que possam inspirar demais pessoas (TOSTA; SILVA; SCORSOLINI-COMI; 2016).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A coleta dos dados na pesquisa qualitativa envolveu os trabalhadores de saúde de duas Estratégias Saúde da Família (ESF), e tem em vista também o desenvolvimento com usuários de drogas que residem no território adscrito das ESF. Para a coleta das informações foram elaborados questionários semiestruturados.

Inicialmente, a coleta de dados da pesquisa foi realizada com os trabalhadores da saúde das ESF, com o objetivo de identificar como é desenvolvido o cuidado a esses usuários, bem como compreender a Rede de Atenção à Saúde (RAS) aos usuários.

Quanto à coleta de dados com os trabalhadores de saúde, os desafios encontrados foram, segundo os participantes: conseguir disponibilidade de horário para participar da pesquisa devido a rotina intensa de trabalho e também por receio de serem identificados por colegas de trabalho e usuários de drogas. Os

trabalhadores também se mostraram apreensivos em verbalizar sobre a temática do uso de drogas.

No segundo momento, seriam entrevistados os usuários de drogas. No entanto, para que a coleta de dados fosse realizada, as estudantes precisariam acompanhar os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) durante alguns dias nas visitas domiciliares, com a intenção de aproximação e de estabelecimento de vínculo com os usuários antes de realizar a coleta das informações. Nesse sentido, a importância dos profissionais estava na indicação de possíveis sujeitos da pesquisa, nesse caso, os usuários de drogas.

Os desafios encontrados acerca da indicação de possíveis sujeitos da pesquisa foram receio de os usuários verbalizarem para os ACS que não gostariam de se expor, aliado ao medo do que poderia acontecer com os depoimentos da pesquisa. Ainda, alguns ACS recusaram participar da pesquisa, alegando envolver questões de perda de vínculo com os usuários, pois muitos pacientes negam o uso de drogas. Isso aponta para a necessidade de a temática do uso de drogas ser cada vez mais discutida, por meio de educação permanente com os trabalhadores da saúde.

Realizar pesquisas diretamente com usuários de drogas representa muitos desafios, principalmente em razão deles serem rotulados e referenciados a algo desagradável, características que fazem com que o usuário reprima seus sentimentos e sua existência. Também, os usuários sofrem consequências negativas por serem associados a indivíduos sem futuro e estereotipados como seres improdutivos e indesejáveis, o que lhes proporciona uma posição inferior na cadeia social, ocasionando rotulação, estereotipia e separação (BARD et al., 2016).

Estigmas são formados a partir da estruturação de crenças e cognições, aprendidas e desenvolvidas pelos indivíduos, diante de diversas situações sociais. Estigma e crenças, fazem parte do contexto social da população. A partir disso, compreende-se a ideia de que sentimentos e comportamentos, diante de uma situação de estigma, podem gerar consequências cognitivas, afetivas e comportamentais em âmbito social (OLIVEIRA, et al., 2019). Nesse sentido, a

pesquisa qualitativa contribuiu para que essas pessoas possam ser ouvidas e percebidas como seres singulares e com necessidades sociais e de saúde.

Reconhece-se que o embate do uso de drogas passa pelo combate ao preconceito e ao estigma e, dessa forma, a produção da saúde se orienta pela produção de vida social; a sociedade diagnosticou e generalizou os usuários passando a tratá-los como delinquentes, tal ação extingue a particularidade do indivíduo. A ideia de associar drogas à marginalidade e à criminalidade afeta a vida do usuário, da família e da sociedade, faz-se necessário a percepção que a dependência de uma substância não está condicionada somente à vontade da pessoa, mas também há uma necessidade fisiológica e psicológica da substância (BARD et al., 2016).

Para a atenção integral à saúde dos usuários de drogas, deve existir uma parceria entre os profissionais da saúde, usuários, familiares e a comunidade. Pois, quando ele sofre os efeitos da estigmatização, como intervenções desumanizadas e discriminatórias, ele passará a evitar os serviços de saúde. Assim, abandonará ou deixará de buscar o tratamento e causará mais agravos a sua saúde. Ainda, há interferências da autoestima do usuário em relação à resolução do tratamento e aos objetivos de vida, fazendo com que eles se sintam incapazes de se recuperar e não enxergam razões para que isso ocorra (RONZANI et al., 2014).

Diante disso, aponta-se que a temática do uso de drogas ainda é um tema a ser desvelado pelos trabalhadores e que é necessário ser cada vez mais discutido nos espaços produtores de saúde para que haja o fortalecimento da promoção da saúde, prevenção do uso de drogas e redução dos danos. Ainda, é necessário romper com medos e anseios dos trabalhadores buscando uma aproximação dos usuários nas discussões sobre a temática.

4. CONCLUSÃO

A partir da experiência, infere-se que o estigma social associado aos usuários de drogas dificulta a aproximação das pesquisadoras com os mesmos, sendo um obstáculo para a coleta de dados em pesquisa qualitativa, uma vez que esse tipo de pesquisa depende de um estabelecimento de vínculo com os usuários para que eles tenham interesse de participar.

Além disso, o tipo de envolvimento que o trabalho do ACS produz, posto que ele trabalha e mora no mesmo território, também se constitui em um impeditivo para a coleta de dados sobre a temática do uso de drogas, visto que esse profissional sente-se exposto e vulnerável. Assim, sugere-se o desenvolvimento de ações de educação permanente para os trabalhadores e a ampliação de espaços de discussão sobre o uso de drogas com as pessoas que residem nos territórios.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Franciscana (PROBIC/UFN).

REFERÊNCIAS

BARD, N.D. et al. Estigma e preconceito: vivência dos usuários de crack. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 24, n. 2680, p. 1-7, 2016.

BASTOS, A. D. A.; ALBERTI, S. Do paradigma psicossocial à moral religiosa: questões éticas em saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, 9. 285-295, 2021.

JIMENEZ, L.; TUCCI, A. M. Notas sobre a produção acadêmica brasileira: uso de drogas na adolescência. *Psicologia*, **Saúde e Doenças**, v. 18, n. 2, p. 484-494, 2017.

LIRA, L. S. S. P. et al. Percepção da Equipe de Saúde da Família sobre o cuidado a usuários de drogas. **Saúde em Debate**, v. 44, n. 125, p. 372–383, 2020.

OLIVEIRA, A. J. et al. A construção histórica do estigma sobre o conceito de dependência de álcool. **Id on Line Rev. Mult. Psic.** v.13, n. 44, p. 253-275, 2019.

RONZANI, T. M., et al. Reduzindo o estigma entre usuários de drogas. **Guia para profissionais e gestores**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.



SANTOS et al. A pesquisa em saúde no Brasil: desafios a enfrentar. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 5, p. 126-136, 2019.

TOSTA, L.R.D.O.; SILVA, T.B.F.; SCORSOLINI-COMIN F.; O Relato de Experiência Profissional e sua Veiculação na Ciência Psicológica. **Revista Clínica & Cultura**. v. 2, n.1, p. 62-73, 2016.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World drug report** 2017. Vienna: UNODC; 2017.

VARGAS, A. DE F. M.; CAMPOS, M. M. A trajetória das políticas de saúde mental e de álcool e outras drogas no século XX. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 24, n. 3, p. 1041–1050, 2019.